

E. Ciências Agrárias - 1. Agronomia - 3. Fitossanidade

OCORRÊNCIA DE QUEIMA-DO-FIO EM UXIZEIRO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM, PA.

Dimitri Mauricio Queiroz de Oliveira¹

Ruth Linda Benchimol²

Jaqueline Rosemeire Verzignassi²

Carina Melo da Silva¹

1. Graduando do Curso de Agronomia, Universidade Federal Rural da Amazônia UFRA

2. Pesq. Dr.. Laboratório de Fitopatologia/Embrapa Amazônia Oriental

INTRODUÇÃO:

O uxizeiro (*Endopleura uchi* (Huber) Cuatrec.) é uma árvore nativa da Amazônia de tronco reto e liso, casca cinzenta, madeira de boa qualidade, folhas denteadas e drupas comestíveis, com sementes oleaginosas. Na Amazônia Oriental ela é comumente encontrada no estuário amazônico, na Zona Bragantina, e ao longo dos Rios Guamá e Capim (Carvalho et al., 2005; Lorenzi 2000).

Na Amazônia, as comunidades vivem principalmente de produtos extrativistas. Nas áreas de capoeira elas retiram o uxi, fruto de grande importância para o consumo e para a geração de renda. O fruto do uxizeiro pode ser consumido *in natura* e na forma de sucos e sorvetes. Rico em vitaminas, minerais e óleos, o uxi ajuda a manter a saúde de famílias rurais durante toda a safra, que dura quatro meses (Shanley & Gaia, 2004; Medina & Ferreira, 2004; Wikipedia, 2006). A casca do uxizeiro é usada na medicina natural, tem por suas propriedades antiinflamatória, antioxidante, diurética e regeneradora celular, entre outras, sendo indicado para cirrose, atrite, asma, sinusites e outras doenças (PLANTAMED, 2007).

A planta de uxi, como outras espécies frutíferas e florestais encontradas na Amazônia, está sujeita ao ataque de fitopatógenos, em função das condições ambientais favoráveis encontradas na região durante a maior parte do ano. Doenças como a antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides*) e a mancha de alga (*Cephaleuros virscens*) já foram detectadas causando danos no uxizeiro (Carvalho et al., 2005).

METODOLOGIA:

No período chuvoso, no Município de Belém, foram detectados sintomas de secamento de hastes e folhas em árvores de uxizeiro situadas no campo experimental da Embrapa Amazônia Oriental, em Belém, PA. As partes da plantas afetadas pela doença tinham como sintoma característico uma "linha" escura em formato de fio que crescia ao longo dos tecidos, provocando seu secamento. O micélio do fungo estendia-se sobre folhas e ramos, atingindo quase todo limbo foliar, que ficava necrosado. Na parte inferior da folha visualizava-se uma película esbranquiçada. A folha lesionada desprendia-se, seca, permanecendo pendurada no ramo por um filamento branco, que era constituído do micélio do fungo.

Amostras de ramos com tecidos lesionados foram encaminhadas ao Laboratório de Fitopatologia da Embrapa Amazônia Oriental para diagnóstico do agente causal, onde foi procedido o isolamento do patógeno em meio de Ágar-Água (15 g por litro de água) (Dhingra & Sinclair, 1995).

Para o procedimento dos testes de patogenicidade, mudas sadias mantidas em casa-de-vegetação foram inoculadas com estruturas do patógeno cultivado **por quatro dias** em meio de Batata-Dextrose-Ágar (200g-20g-10g por litro de água). Foram colocados segmento de meio de cultura contendo as estruturas do patógeno na face abaxial das folhas. As mudas inoculadas foram mantidas sob condições de umidade saturada por 48 horas, após o que foram deixadas nas condições ambientais da casa-de-vegetação (28 ± 1 °C; 12h claro/12 h escuro).

RESULTADOS:

Dos tecidos coletados no campo e encaminhados para análise foi isolado o fungo *Ceratobasidium stevensii* (Burt) Venkat. (sin. *Corticium koleroga* (Cooke) v. Höhn, *Koleroga noxia* Donk, *Botryobasidium koleroga* Cooke), agente causal da queima-do-fio.

Nas mudas inoculadas artificialmente, os primeiros sintomas da doença foram observados sete dias após a inoculação do patógeno. As mudas inoculadas manifestaram sintomas semelhantes àqueles observados nos tecidos infectados naturalmente. O reisolamento do patógeno dos tecidos lesionados resultantes de inoculação artificial confirmaram ser *C. Stevensii* o agente causal da doença no uxizeiro, cumprindo assim os postulados de Koch (Dhingra, O. D. & Sinclair, J. B., 1995).

O gênero *Ceratobasidium* engloba fungos que agregam espécies extremamente diversas que ocorrem em várias espécies de hospedeiros, entre culturas agrícolas e plantas medicinais. A diagnose correta do patógeno, por sua vez, facilita os estudos epidemiológicos e a implementação de medidas de controle adequadas, como a poda dos ramos afetados. No caso de ataque muito intenso, a planta deve ser erradicada. Pulverizações semanais com os fungicidas oxiclureto de cobre 50% (4 g do produto em cada litro de água) ou daconil (2 g do produto em cada litro de água) devem ser feitas durante a época chuvosa, no caso de ocorrência de um surto severo da doença. Com a redução dos sintomas, as pulverizações podem ser quinzenais e, posteriormente, mensais, principalmente na época mais chuvosa do ano, de janeiro a abril (Benchimol & Bastos, 2004).

O fungo *C. stevensii* é polífago. No estado do Pará, sintomas de queima-do-fio já foram diagnosticados em plantas de Nim (*Azadirachta indica* A. Juss.), mogno africano (*Khaya ivorensis* A. Chev.), côco (*Cocos nucifera* L.), banana (*Musa* L. cv. Yangambi), *Ixora* (*Ixora coccinea* L.) , *Ficus* (*Ficus* sp.), *Musendra* (*Mussaenda alicia* Hort.) e Cróton (*Codiaeum* sp.), além de inúmeras outras espécies de hospedeiros em outros estados do Brasil (Mendes et al. 1998; Gasparotto & Silva, 1999; Benchimol et al., 2001; Benchimol et al., 2004).

No estado do Pará, no entanto, esse é o primeiro registro de ocorrência de queima-do-fio em uxizeiro.

CONCLUSÕES:

A queima-do-fio é uma doença que causa secamento com posterior necrose dos ramos afetados, caso não seja manejada. É uma doença de importância econômica para o uxizeiro, pois pode destruir inteiramente a copa da planta, o que implica em danos diretos à produção e à comercialização do fruto.

Trabalho de Iniciação Científica

Palavras-chave: Queima-do-fio, uxizeiro

E-mail para contato: dimitriagro84@hotmail.com